

PATRIMÔNIO HISTÓRICO-POLÍTICO DO MARXISMO

Edilson Bariani Junior*

Desde meados do séculos XIX, indubitavelmente, o mundo transformou-se de modo radical; nesse período a tecnologia, a ciência, a cultura, as bases materiais, as instituições, as classes e as relações de poder mudaram substancialmente; o capitalismo consolidou sua dominação na Europa e tornou-se hegemônico em todo o planeta; as percepções e as noções dos homens a respeito do mundo são extremamente diferentes do que eram a 150 anos atrás. Como então uma “teoria”, uma visão de mundo, um ideário – que ainda se pretende um projeto de transformação, uma ciência e um guia para a ação – pôde sobreviver a esse turbilhão histórico? As transformações tão profundas e desafios tão íngremes, uma vez que se pôs como a mais acerba crítica ao *status quo*?

O marxismo, afora as várias “mortes” às quais foi condenado pelos catastrofistas de plantão, sobrevive bravamente aos infortúnios; se não tão duro, tão íntegro, jovial e impávido, persiste com dignidade, altivo não tanto em suas vitórias, mas, sobretudo, em sua capacidade de lutar, defrontar-se com as críticas e os desafios de interpretar – e transformar – um mundo em constante mutação. Se houve “interpretações de mundo” que sobreviveram vários séculos, geralmente, vigiram em épocas históricas bem menos dinâmicas ou, ainda, tornaram-se verdadeiros fósseis, subsistindo na curiosidade, no escolasticismo e no dogmatismo

de alguns. O marxismo, baseado num método que privilegia a mudança, reviu-se e renovou-se constantemente por meio de novas interpretações; criaram-se ortodoxias, mas também novas idéias foram incorporadas e, apesar disso, conserva um núcleo básico que ainda hoje resiste como a crítica mais lúcida e inconformista à sociedade capitalista.

Manter vívida a memória e a história do marxismo e retomar algumas de suas questões cruciais parece ser a intenção de Antonio Roberto Bertelli nos livros aqui resenhados; em ambos é feita a crônica do início do século XX até o fim dos anos 1930, um período tanto fecundo quanto difícil para o marxismo, relembrando debates, acontecimentos e personagens dessa grande epopéia que já é a história do marxismo.

Em *Capitalismo de Estado e socialismo* propõe algo que não deixa de ser uma revisão histórica: retomar as formulações de Lênin presentes em alguns textos escritos a partir de 1917 e reinterpretá-las à luz dos fatos: a Revolução de Outubro, a guerra civil, a catástrofe econômica, a NEP e os desafios da construção do socialismo. A tese que o guia é, entretanto, controvertida: para Lênin, o “capitalismo de Estado” seria a forma viável para levar a Rússia – e os povos que ela encampava – ao socialismo. Nas palavras de Bertelli:

[...] os textos que a meu ver representam, no conjunto, a fundamentação teórica de Lênin para elaborar a teoria da transição calcada no “capitalismo de Estado sob o poder soviético” [são:] (“Teses de abril”, “A catástrofe que nos ameaça”, “Poderão os bolcheviques

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia – FCL Unesp/Araraquara.

manter o poder?”, “O infantilismo de ‘esquerda’ e a mentalidade pequeno-burguesa”, “O imposto em espécie”, etc.).¹

Na busca de subsídios para embasar suas afirmações o autor revisita questões como a agrária e a do caráter e função do Estado; nesse percurso, valoriza outros escritos de Lênin em detrimento de *O Estado e a revolução* (para o autor uma “escorregada” de Lênin) e aponta os “erros” da esquerda bolchevique, ansiosa por levar o socialismo ao campo. Já a NEP é vista como um recuo, porém muito menos tático, não mais um passo atrás para se dar outros adiante, e sim como um passo adiante na construção do socialismo: “[...] a NEP era de fato um recuo no sentido de revalorizar o elemento de capitalismo privado (fosse no campo ou na cidade), mas não era um abandono do elemento de capitalismo de Estado e nem do elemento socialismo”.²

Como poderia ser definido o que Lênin teria proposto como “capitalismo de Estado”? Segundo o autor: “Para Lênin o capitalismo de Estado seria a intervenção do Estado nas atividades econômicas”,³ isto é, uma “forma de Estado” que, considerado o incipiente estágio das forças produtivas, promoveria o desenvolvimento econômico para tornar possível avançar no sentido da criação de uma sociedade socialista. E como seria implementado?

[Na] forma prevista por Lênin em 1918: o Estado proletário aplicava o capitalismo de Estado através da legislação (controle e registro), do comércio exterior, do sistema financeiro, evidentemente das forças armadas. Daí, por exemplo, a importância do Gosplan como órgão de planejamento, capaz de orientar e educar as novas formas de produção. E nessas atividades pedagógicas que o capitalismo de Estado continuava a ter como tarefa para preparar o caminho para o socialismo, Lênin salientara a do cooperativismo.... um cooperativismo de produção e circulação de produtos.⁴

Todavia, a cautela de Lênin não teria evitado uma companhia incômoda:

De fato, basicamente as teorias de Lênin podiam ser resumidas da seguinte forma: não estamos ainda prontos para passar ao socialismo; precisamos fazer avançar o capitalismo de Estado, especialmente no campo, e fortalecer o socialismo, especialmente na indústria, principalmente na indústria de base, pesada e de capitais. Se não temos a ajuda de prováveis nações socialistas que poderão vir a existir, temos que insistir

nessa direção, de forma a vencer as limitações econômicas e históricas que herdamos com a revolução. E foi exatamente o que Stálin se proporia e executaria tão logo conseguiu dominar completamente a máquina do partido e, como tal, do governo.⁵

Há na controvertida tese defendida por Bertelli uma evidente defesa da lucidez e prudência de Lênin, assim como um resgate de Bukhárin, em oposição a um possível esquerdismo: de Preobazhenski e Trotsky. Os primeiros teriam vislumbrado melhor as dificuldades da construção do socialismo num país tão atrasado, já os últimos teriam cometido pecado semelhante ao dos *narodniks*: acreditar que seria possível uma radical transformação no campo que levasse a uma forma socialista de produção agrária.

Não estaria o presente vendo o passado de modo tergiversado? Os fatos que se seguiram não autorizam afirmar a história do que foi como a que deveria ter sido, o colapso da tentativa soviética não endossa um automatismo da história, afinal foram os homens – em dadas condições – que a fizeram, e seus atos só podem ser compreendidos considerando o horizonte que tinham em vista. O resto é suposição. Além disso, o resgate de uma obra não pode ser exegese de seus textos e sim lições de suas lutas, ao presente não compete condenar ou absolver o passado e seus atores, cabe apreender suas experiências e retomar as batalhas: como práxis e não como nostalgia.

Enquanto os soviéticos se debatiam com as dificuldades de implantar o socialismo, o restante da Europa debatia questões teóricas e aguardava a revolução, os primeiros – ocupados das questões iminentes e do pragmatismo – acabaram tornando-se um “fardo” para grande parte dos marxistas da Europa; mais recentemente, o caminho encontrado para desvencilharem-se foi isolá-los em outras instâncias: marxismo do oriente, pragmatismo político, herança de um país atrasado, ausência de democracia e sociedade civil organizada, autoritarismo de esquerda, etc.; em oposição ao marxismo ocidental, civilizado, democrático, fruto de uma sociedade aberta, democrática e complexa. Rele-gasse assim uma parte importante das contribuições marxistas.

Marxismo e transformações capitalistas não repõe essa distinção, não há nele um muro entre ocidente e oriente, faz a crônica do marxismo num dos

momentos de maior efervescência política e riqueza de interpretações (1899-1933), lembrando debates de época que ainda são questões prementes e autores que embora criadores originais de obras ainda vivas foram deixados de lado ao longo do tempo.

Entre as questões debatidas no período estão a das nacionalidades, do método, agrária, da derrocada do capitalismo e do revisionismo – localizada na polêmica a respeito das considerações de Bernstein. Discutia-se se e como se daria o colapso do capitalismo, a atualidade ou não do marxismo, a necessidade de revê-lo e como aplicá-lo para entender o mundo e formular respostas que levassem ao socialismo. Muitas dessas questões ainda desafiam os marxistas, quase um século depois parece-nos que as perguntas eram boas, já as respostas nem tanto.

No rol dos personagens desse período há também muitas contribuições que foram relegadas ou esquecidas e uma virtude do livro é trazê-las novamente à cena: se Rosa Luxemburg ainda é uma presença (embora um tanto figurativa), que dizer de Kautsky, Preobazhenski, Bukhárin, Mehring e o austromarxismo? Este – particularmente sublinhado pelo autor – constitui um caso-limite; as contribuições de Otto Bauer, Max Adler e mesmo de Rudolf Hilferding e Karl Renner, embora se pautassem por temas ligados à Europa desenvolvida e os abordassem de modo cuidadoso e original,

foram abandonadas a um honroso esquecimento; incomodamente classificados à esquerda da social-democracia (da alemã em particular) e à direita dos comunistas, acabaram por levar a pecha de centristas, um rótulo bastante pejorativo no vocabulário de esquerda. Todavia, é de se notar no livro a ausência de Trotsky e Lukács, duas grandes figuras desse período e presença constante nos debates; e ainda de um certo marxismo muito marginalizado – talvez o mais dentre todos – possivelmente devido ao seu caráter historicista, filosófico e talvez messiânico: o de Karl Korsch e o de Ernst Bloch.

Bertelli recupera para a memória do marxismo fatos, questões e personagens que fizeram sua história e, diante de mais uma novíssima “crise do marxismo”, caíram no olvido; entretanto, mais que lembrar, é preciso retomar criticamente essa herança, não incensá-la com os louvores do tempo, mas empunhá-la no que tem de vivo e crítico, pois a arma da crítica não pode alimentar-se de homenagens, para lhe dar gume é preciso atrito.

NOTAS

- ¹ Antonio Roberto Bertelli, *Capitalismo de Estado e socialismo* (São Paulo: Ipsy/Iap, 1999), p. 275.
- ² *Ibid.*, p. 108.
- ³ *Ibid.*, p. 103.
- ⁴ *Ibid.*, pp. 109-110.
- ⁵ *Ibid.*, p. 282.